



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

GIULLIANA SILVA DE VASCONCELOS

**“ECOS DE VIDA-LIBERDADE”: SILÊNCIOS, RUÍDOS E DENÚNCIAS NA
POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

João Pessoa
2022

GIULLIANA SILVA DE VASCONCELOS

**"ECOS DE VIDA-LIBERDADE": SILÊNCIOS, RUÍDOS E DENÚNCIAS NA
POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes, da Universidade Federal da Paraíba
(UFPB), como requisito para obtenção da
Licenciatura Plena em Letras - Língua
Portuguesa

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Franciane Conceição
da Silva.

João Pessoa

2022

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Setorial do CCHLA

V331e Vasconcelos, Giulliana Silva de.

"Ecos de vida-liberdade": silêncios, ruídos e denúncias na poética de Conceição Evaristo. / Giulliana Silva de Vasconcelos. - João Pessoa, 2022.
50 f.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Evaristo, Conceição. 2. Literatura - Mulheres negras. 3. Identidade. 4. Representação. 5. Poesia. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82 (81:6)

GIULLIANA SILVA DE VASCONCELOS

**"ECOS DE VIDA-LIBERDADE": SILÊNCIOS, RUÍDOS E DENÚNCIAS NA
POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, da Universidade Federal da Paraíba
(UFPB), como requisito para obtenção da
Licenciatura Plena em Letras - Língua
Portuguesa

Orientadora: Prof^a Dr^a. Franciane Conceição da
Silva.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Franciane Conceição da Silva (Orientadora)

Prof. Dr.. Hermano de França Rodrigues (UFPB- DLCV /Examinador)

Prof^a. Dra. Cristian Souza de Sales (UNEB / Examinadora externa)

Prof^a. Dr^{aa}. Carolina Batista de Souza (PPGS- UFPB / (Examinadora suplente)

UMA HISTÓRIA BRASILEIRA

*Palavras de corpos sem mundo?
relegou-se ao absurdo
de transformar histórias de resistências
em desprovidas de “glória” por sentença,
nesse país (In)Fecundo.*

*Palavras de corpos sem terreno,
apenas semente sem aprimorar,
palavras cujo descrédito
perdeu-se no tédio do não ouvir contar.*

*Palavras mudas pela "lei" da sociedade calar
e o hino das senzalas ecoam velas valas
de um tiro a perfilar,
e as escadas tingem-se de vermelho escarlate
nesse disparate da vida do negro calar.*

*E nesse absurdo,
o país mantém se mudo,
Foi apenas um descuido do policial a mirar.*

*E as vidas de tantas famílias “prisioneiras da
Dor/Cor”*

*Neste infortúnio levam a vida sem sabor.
E a sociedade “dona da verdade”
é Ariana e apenas servil expectador...*

(Giulliana Silva de Vasconcelos)
João Pessoa, 2022

“Exorcizar o passado, arrumar o presente e prever a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias (...) Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exatos”

(EVARISTO, 2005, p. 203)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha amada mãe, Cristina de Fátima Silva de Vasconcelos, que sempre trabalhou enquanto todos dormiam, noite e dia em hospitais e residências de pacientes cuidando de quem precisava, buscando o nosso sustento e sempre disposta a ajudar a todos ao seu redor. Meu maior exemplo de ser humano, que me preparou para a vida, sempre me mostrando que a educação e o respeito é o melhor caminho, incentivando-me a continuar e confiar no meu potencial.

Ao meu querido Pai, por ter batalhado tanto de sol a sol como pedreiro para que eu pudesse ter uma boa alimentação e educação, sempre cuidadoso me acompanhando até a parada de ônibus na ida à escola, universidade e no retorno para casa.

À minha avó (*in memoriam*), meu xodó amado, Irene Maria de Lira Silva (*in memoriam*), que faleceu na minha adolescência de câncer de útero aos 65 anos, deixando o cuidado, as mensagens de amor e incentivo vivas na minha memória.

À minha irmã, Gilcelane Silva de Vasconcelos, e às minhas primas, Cristiane Lira de Lima e Cristina Lira de Lima, por me socorrerem em todos os momentos que precisei ao longo deste curso e da vida.

Ao meu Esposo Márcio Jonhson Cruz Pereira Rolim, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial .

Aos meus professores do Ensino médio, em especial à professora Angélica, da Escola Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, que me ensinou a amar a literatura e a poesia.

Na UFPB, ao professor Amador Ribeiro Neto, que me preparou e me apresentou seu imenso amor pela literatura e crítica literária.

A minha querida professora orientadora, Dra. Franciane Conceição da Silva, (primeira e única professora negra que tive na vida), que mudou minha perspectiva dentro do curso me levando a conhecer e me dedicar aos estudos da literatura de autoria feminina negra e a Literatura

Afro-brasileira. Agradeço, do fundo do coração, por todo seu amor e afetividade ao longo da minha vida acadêmica e por acreditar que eu seria capaz quando eu desacreditei.

À minha turma de Letras Português, em especial, aos amigos e às amigas que o Curso de Letras da UFPB me presenteou: Tamyris Nunes, Letícia Dias, Karenn Lima, Marina Florêncio e Severo (Severino Félix), que sempre me apoiaram e me incentivaram.

Aos professores integrantes da Banca Avaliadora: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, Prof^a. Dra. Cristian Souza de Sales e Prof^a. Dr^a. Carolina Batista de Souza por aceitarem o convite de examinarem o meu Trabalho de Conclusão de Curso, contribuindo com o meu trabalho.

Aos meus professores e à coordenação do curso por todo o conhecimento oferecido dentro e fora dos espaços da universidade.

RESUMO

Se olharmos com atenção, veremos que é perceptível o apagamento das personagens negras no cenário literário brasileiro. Historicamente, a literatura canônica se mantém engessada, sendo um território dominado por homens brancos que acabam por embasar a lógica dominante, caucasiana e eurocêntrica, que tematiza o negro sob o ponto de vista da branquitude, muitas vezes, reafirmando preconceitos raciais e estigmas sociais. Nesse contexto, no presente trabalho, proponho analisar os "ecos de vida-liberdade" reverberados na poética de Conceição Evaristo, que definem o pertencimento e autoria do ser feminino negro, revestida de identidade própria. São ecos que reverberam vivências individuais e coletivas de mulheres negras, através de uma linguagem marcante, buscando romper com o lugar imposto de “objeto”, passando a donas de suas próprias histórias. A pesquisa foi analisada a partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica focando na escrita feminina negra brasileira, analisarei os poemas "Vozes-mulheres" e "Meia lágrima", extraídos da obra Poemas da recordação e outros movimentos (2021) de Conceição Evaristo.

Para fundamentar a pesquisa utilizamos como referencial teórico: autores/as que abordam a temática da Literatura, Teoria Literária, Literatura Afro-Brasileira, autoria feminina, identidade negra, poesia negra. Tais como: Paulo Freire (1987), Bernd (1992), Antonio Candido (1995); Terry Eagleton (2003); Tzvetan Todorov (2003); Proença (2004); Konder (2005); Pound (2006); Evaristo (2005; 2007; 2011; 2021); Duarte (2007); Fonseca (2007); Sousa (2010), Cuti (2010); Sousa (2010); Fanon (2011); Rufatto (2012); Santos (2013); Souza (2015); Ferreira (2021) entre outros/as.

Palavras-chave: Literatura de mulheres negras, Conceição Evaristo, Identidade negra, Representação, Poesia negra.

ABSTRACT

If we look carefully, we will see that the erasure of black characters in the Brazilian literary scene is noticeable. Historically, canonical literature remains immobilized, being a territory dominated by white men who end up supporting the dominant, Caucasian and Eurocentric logic, which thematizes blacks from the point of view of whiteness, often reaffirming racial prejudices and social stigmas. In this context, in the present work, I propose to analyze the "echoes of life-freedom" reverberated in Conceição Evaristo's poetics, which define the belonging and authorship of the black female being, invested with her own identity. They are echoes that reverberate individual and collective experiences of black women, through a striking language, seeking to break with the imposed place of "object", becoming the owners of their own stories. To carry out this study, focusing on Brazilian black female writing, I will analyze the poems "Vozes-mulheres" and "Meia lágrima", extracted from the work *Poemas da lembrança and other movements* (2021) by Conceição Evaristo.

To support the analyses, we will use as a theoretical reference: authors who address the theme of Literature, Literary Theory, Afro-Brazilian Literature, female authorship, black identity, black poetry. Such as: Paulo Freire (1987), Bernd (1992), Antonio Candido (1995); Terry Eagleton (2003); Tzvetan Todorov (2003); Proença (2004); Konder (2005); Pound (2006); Evaristo (2005; 2007; 2011; 2021); Duarte (2007); Fonseca (2007); Sousa (2010), Cuti (2010); Sousa (2010); Fanon (2011); Rufatto (2012); Santos (2013); Souza (2015); Ferreira (2021) among others.

Keywords: Black women's literature, Conceição Evaristo, Black identity, Representation, Black poetry.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2.LITERATURA E AFRO BRASILIDADE.....	15
2.1. Algumas considerações sobre o conceito de literatura e a Literatura negra no Brasil....	15
2.2. Poesia e identidade Afro Brasileira.....	24
3. ECOS E REPRESENTAÇÃO FEMININA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	27
3.1. Conceição Evaristo: A poesia como “escrevivência” e representação.....	27
3.2. A representação feminina em <i>Poemas da recordação e outros movimentos</i>	33
3.3. A representação da mulher negra no poema Vozes-Mulheres e “Meia Lágrima”	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS.....	46

"Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio".

(Conceição Evaristo)

"Esse ato de fala, de 'erguer a voz', não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta."

(bell hooks)

1. INTRODUÇÃO

Ouvi certa vez, algo que até então eu não tinha me atentado, a respeito do privilégio de nascer branca. Eu, como mulher caucasiana, já enfrentei e enfrento diariamente muitos obstáculos no trabalho, na sociedade, na vida acadêmica, entre outros, e há um "mito" que tem se mantido e perpetuado ao longo do tempo na nossa sociedade em relação à superioridade masculina, fruto da sociedade patriarcal e machista desde a colonização do nosso país. Diante disso, fiquei pensando se eu no meu lugar de mulher branca, já percebo essas dificuldades, como seria se eu fosse além de mulher, também negra? Esse pensamento me ocorreu ao me deparar, pela primeira vez, com uma professora negra na Universidade Federal que me contou sua história de vida e luta e apresentou-me um mundo novo cheios de possibilidades sobre sua ótica, trazendo-me o primeiro contato com a autora Conceição Evaristo, momento este que me encantou profundamente, me fazendo sentir a força da escrita de Conceição e a beleza de seus textos, me fazendo enxergar que, de fato, "Ser uma mulher negra não é simplesmente ser uma mulher".

Algumas pessoas podem achar errado escrever sobre uma realidade que não é minha, mas, no intuito de que outras pessoas venham conhecer essa literatura maravilhosa, de poética forte e arrebatadora, atrevo-me a adentrar neste campo literário, munida de observação, sensibilidade, empatia e apreciação dessa escritora e poeta surpreendente que é Conceição Evaristo.

O estilo da escritora e educadora parece um tapa na cara da sociedade e de quem vive de privilégios, ela desperta percepções diferentes, para alguns traz o aconchego de sua vivência particular, de se sentir em casa, para outros levanta incômodos e tira a sujeira de baixo do tapete, expondo de forma impactante o que tentaram esconder ao longo do tempo.

A escolha da autora também deu-se pelo seu protagonismo e força que possibilita através de sua obra retornarmos ao passado e recontar um passado histórico e cultural

embasado nas vivências do que não foi dito, nem evidenciado, sempre buscando modificar o presente e o futuro através do contradiscurso e de sua autoafirmação como mulher negra. Além disso, sua escrita reverencia sua origem, sua ancestralidade, a condição da mulher negra e ao verbalizar ela põe em evidência um instrumento libertador “sua escrevivência” afrontando os descaminhos que foram impostos.

Permitam-me explicar uma coisa de forma breve, considero Conceição Evaristo um ícone e reflete para mim a verdade, tratando do que não foi dito, mas foi sentido, ela abandona o sentido dado à mulher pela sociedade, colocada no lugar de “ser frágil” e submisso, construindo imagens de mulheres que erguem a voz. Quando Evaristo constrói essas personagens, mesmo que o protagonismo seja das mulheres negras, ela consegue alcançar os mais variados perfis de mulheres, ela fala comigo, me transforma e sensibiliza. Em alguns momentos de seus textos, eu me vejo, em outros busco me colocar sob a ótica da personagem.

É difícil constatar que em pleno século XXI, num período que teoricamente não deveria existir o racismo ou qualquer outra discriminação, mas, no entanto, estamos ilhadas, cercadas por uma lógica da branquitude que menospreza, diminui e criminaliza o/a negro/a e a mulher. Numa sociedade marcada pelo racismo, precisamos dar visibilidade para a Literatura Afro-brasileira e evocar a condição histórica e a perspectiva do "sujeito-agente" negro na construção de sua história e memória para projetarmos um futuro melhor em condição, autoria e pertencimento.

A Literatura brasileira desenvolveu-se expondo, tematizando e narrando por muito tempo o pensamento dominante da elite, baseada nos modelos produzidos por homens caucasianos europeus, e, ao longo do tempo, sedimentou-se pelo conceito masculino de autoria e pela omissão da produção literária feminina relegando-a ao silenciamento e mecanismos de exclusão como se não houvesse produções significativas femininas.

Diante disso, o presente trabalho propõe-se a investigar "ecos de vida-liberdade" reverberando na Poética de Conceição Evaristo, sugerimos como recorte temático, a representação e a autoria do ser feminino negro. Para tanto, escolhi como corpus de investigação os poemas *Vozes- Mulheres* e *Meia Lágrima*, extraídos da obra *Poemas de Recordação e outros Movimentos* (2021). A leitura e análise dos poemas de forma qualitativa, buscaram evidenciar a questão da representa feminino negro, que assume essa "Vida-liberdade" na poética quebrando as correntes do passado, libertando-se de antigos pressupostos que a encarceravam e a limitavam.

O estudo buscou abordar a condição feminina negra, nos atentando para o processo histórico de apagamento e marginalização da mulher e do corpo feminino negro, levantando questões pertinentes dessas representações e do sentido de “não pertencimento social” e do silenciamento relegado às vidas negras, buscamos analisar como as mulheres são colocadas/construídas nos poemas e como esse “eu lírico” revela a identidade negra e a violência sofrida por esses corpos, verificando qual o discurso que prevalece e se há a manutenção ou desmistificação do preconceito. A princípio trataremos de conceituar Literatura e afro brasilidade, em seguida, traçamos um breve contexto histórico da Literatura Afro-brasileira, enfatizando a contribuição de Conceição Evaristo para o desnudamento do preconceito racial.

Posteriormente, trataremos da análise da representação da mulher negra na poesia de Conceição Evaristo, faremos a reflexão e análise sobre o discurso poético de Evaristo a partir do estudo da sua obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021). Investigaremos os ruídos, os silêncios e a violência, a partir das vozes do "eu-lírico feminino" presentes nos dois poemas escolhidos para estudo: “Vozes mulheres” e “Meia lágrima”. *Partimos da seguinte problemática: Seriam esses silêncios e as violências capazes de serem desvelados pela poesia e pela literatura?*

A escolha da temática busca questionar o silenciamento histórico a qual a escrita negra (afro-brasileira) foi relegada. Precisamos cada vez mais colocar em pauta o porquê dessa literatura tão rica, tão bem construída esteticamente, ter sido deixada à margem. Precisamos discutir e estimular sempre o diálogo sobre as questões raciais, combatendo o racismo estrutural, fortalecendo a luta e a produção dessas/es autoras/es que foram apagados - não pela estética, nem pelo trabalho com a palavra, tão pouco por ser uma “escrita menor” comparada a obras de autores brancos -, mas foram diminuídas e silenciadas por causa da cor sua pele, pelo racismo, pelo sistema dominante racista, machista, sexista, classista e lgbtfóbico.

Como base teórica utilizamos teorias de autores/as que abordam a temática da Literatura, Teoria Literária, Literatura afro-brasileira, identidade negra, poesia negra e de autoria feminina. Embasam teoricamente esse trabalho estudiosos/as, tais como: Paulo Freire (1987), Bernd (1992), Antonio Candido (1995); Terry Eagleton (2003); Tzvetan Todorov (2003); Proença (2004); Konder (2005); Pound (2006); Evaristo (2005;2007; 2011; 2021); Sousa (2010), Cuti (2010); Sousa (2010); Fanon (2011); Rufatto (2012); Santos (2013); Ferreira (2021) entre outros/as. Esperamos que este trabalho contribua para amplificar a voz de autoras negras e desconstruir estereótipos referentes à representação da mulher negra. Em

termos acadêmicos, esperamos que essa singela pesquisa contribua com os estudos de literatura, gênero e raça.

2. LITERATURA E AFRO BRASILIDADE

2.1. Algumas considerações sobre o conceito de literatura e a Literatura negra no Brasil

Iniciaremos pela conceituação de literatura para buscar entender e pensar os aspectos inerentes à literatura e maturar a ideia do que condicionou ao longo do tempo a literatura brasileira a uma afirmação do discurso do colonizador. Partimos da questão: o que é literatura?

Para Ezra Pound, em o *ABC da Literatura* (2006. p. 32, 33), a “Literatura é linguagem carregada de significado” e “literatura realmente grande é aquela que apresenta uma linguagem carregada de significado em seu máximo grau” e complementa que “literatura é novidade que permanece novidade”.

Para Tzvetan Todorov (2003) em *A literatura em perigo* diz que “a literatura é um sistema de signos, código (...) constrói-se com a ajuda de uma estrutura, ou seja, de uma língua; é, pois, um sistema significativo de segundo grau, por outras palavras um sistema conotativo.” Entendemos assim que a literatura leva em conta associações e sentidos que vão além da literalidade das palavras.

Terry Eagleton (2003, p.1), chama-nos atenção para a dificuldade de definir literatura:

Muitas têm sido as tentativas de se definir Literatura. É passível, por exemplo, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa” no sentido da ficção-escrita que não é literalmente verídica, mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que se considera literatura, veremos que esta definição não procede.

Essa tentativa de definição da literatura como escrita imaginativa, logo foi descartada e não se sustentou e mais adiante Terry Eagleton (2003, p.02) fala que “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega uma linguagem de forma peculiar. [...] A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.”

Em “A arte como procedimento”, do formalista russo Viktor Chklovski (1917), há a retomada da discussão em torno da definição de literatura na qual a arte é definida como

procedimento de estranhamento. Esse estranhamento causa de certa forma uma mudança na nossa percepção, desautomatiza-nos da nossa compreensão habitual, então essa arte se levanta contra a mesmice e a repetição do dia a dia, da pasmaceira da vida comum e apresenta uma novidade que nos causa esse estranhamento.

Já o crítico literário Antonio Candido relata em *O Direito à literatura* (2002, p.174), que a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela.” E mais adiante Cândido diz que “A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fortalecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” Candido (2002, p.175) Diante desse contexto, podemos afirmar que a literatura é essencial para formação do indivíduo enquanto ser crítico e reflexivo.

O professor Flaviano Maciel Vieira no livro *A linguagem da Poesia* (2014, p. 21) traz o entendimento do que é literatura a partir do pensamento de Sartre:

Outro grande estudioso sobre o assunto está no livro *Que é a literatura?*, publicado em 1948, por Jean-Paul Sartre. Ele reflete sobre a natureza e função da literatura, respondendo a três perguntas básicas: *O que é escrever? por que escrever? e para quem escrever?* Sartre nos diz que escrever é um ato de desnudamento, e que aquele que escreve tem a consciência de revelar as coisas, os acontecimentos e solicita um pacto com o leitor, que ele colabore em transformar a realidade do mundo. (2014, p. 21)

Partindo desse pensamento podemos inferir que a literatura tem uma função social de revelar subjetividades, de tentar expor e modificar a realidade também, o poeta se desnuda, se mostra na tessitura da arte poética, há um meio e um fim, uma espécie então de acordo entre quem escreve e o leitor. No que concerne a essa função social do texto, Candido em “Literatura e sociedade” afirma que “só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 2010, p.13). Para o crítico literário, o social seria, então, um elemento interno da constituição do texto.

Para o estudioso e crítico francês Roland Barthes, em seu livro *Crítica e verdade* (2009), ao invés da linguagem literária apontar o mundo, aponta para si. Partindo desse pensamento, a obra literária não é uma mensagem, mas “é um fim em si mesma”. Isso nos faz refletir um pouco o porquê de a literatura brasileira negar a exploração de uma raça e colocar o português colonizador como o salvador, o desbravador da colônia.

A literatura brasileira, segundo os registros, iniciou-se com os primeiros escritos pelos portugueses sobre as impressões da terra “encontrada” e dos povos originários que aqui viviam, pela visão do dominador foi relatado com feitos heróicos a chamada “descoberta” e

"conquista portuguesa". É importante relatar que o ponto de vista do colonizador, do dominador, foi sempre o conhecido nos livros de história, na literatura canônica e repassado ao longo do tempo, esse "ponto de vista" eurocêntrico se perpetua e perpassa muitos escritos até hoje. Nosso país com ideologia colonial portuguesa, historicamente, submeteu os indígenas e os negros escravizados ao processo de aculturação, buscando retirar deles sua identidade, sua própria cultura e seus valores e impondo uma nova língua, religião e cultura com o seu ideal "civilizatório". Para Candido(1989):

Levando a questão às últimas consequências, vê-se que no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores, contra as solicitações a princípio poderosas das culturas primitivas que os cercavam de todos os lados. Uma literatura, pois, que do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador (CANDIDO, 1989, p. 2).

No texto "Racismo e cultura", Frantz Fanon (2011) reflete sobre a violência da colonização, dizendo que:

Exploração, torturas, razias, racismo, liquidações coletivas, opressão nacional, revezam-se em níveis diferentes para fazerem, literalmente, do autóctone um objeto nas mãos da nação ocupante (...) Este homem-objeto, sem meios de existir, sem razão de ser, é destruído no mais profundo da sua existência. O desejo de viver, de continuar, torna-se cada vez mais indeciso, cada vez mais fantasmático (FANON, 2011, p. 277).

Como bem salientou Fanon, a chamada "colonização" foi desumana, objetificando os corpos negros, destituindo-os de alma e perpetuando o racismo, deixando marcas, cicatrizes e ecos da sociedade escravocrata na sociedade brasileira.

A princípio, nossos povos originários foram considerados "exóticos" no sentido pejorativo "sem cultura" e a cultura europeia foi imposta, nossos irmãos negros foram trazidos como mercadorias da África, tratados como objetos, escravizados, e mesmo após a tardia abolição da escravatura, até os dias atuais não houve inserção de fato, nem garantias pelo menos em questão de similaridade com a população branca e em pleno século XXI, a população negra sofre preconceitos diversos e continua marginalizada.

Podemos constatar que é visível o abismo social brasileiro, há fatores sociais, culturais e políticos que tentam a todo custo embasar a lógica colonizadora mesmo nos dias atuais, e a literatura, ela também é veiculadora de preconceitos, pois ao longo de sua história tem empregado a lógica eurocêntrica, seja naturalizando estereótipos negativos relacionados ao

negro, seja pelo silenciamento e /ou apagamento (pela ausência de personagens negros) ou a proposital inserção do negro como empregado, subalterno, serviçal, malfeitor, ladrão, muitas vezes animalizado, a negra hipersexualizada, objetivada e pervertida.

Para Rufatto (2012, p.23):

A condição dos africanos e seus descendentes como “corpos escravos”, “objetos a serem usados” no período escravocrata deixou as suas consequências no pensamento e na organização social até os dias de hoje. Experimentando outras formas de exclusão, os afro-brasileiros ocupam um lugar incômodo na sociedade brasileira. (RUFATTO, 2012, p. 23)

Esse lugar "incômodo" ao qual Rufatto menciona são os resquícios da escravidão que estão embutidos, interiorizados na população brasileira, são as consequências do silenciamento, da manutenção e monopólio do discurso da elite branca na literatura, na política, na cultura e no meio social e precisamos cada vez mais entender que fazemos parte de um sistema que exclui, que é racista e precisamos quebrar esse silêncio e não mais sermos responsáveis por sua manutenção. O sistema elitista concentra o poder e impede a voz daqueles que porventura ousam desafia-los.

Nossa literatura tem mais de quinhentos anos, e é notadamente branca, num país com uma população de grande maioria negra (parda e preta), são 56% da população segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), que, no entanto, são tratados como minoria e não se sentem representados, como também temos uma população que em maioria é formada pelo sexo feminino e ao longo da história marcada pelo monopólio masculino nas diversas áreas. Na literatura não foi diferente, os textos de autoria feminina não tinham lugar, o valor da obra se perdia no desconhecimento, também não era visto com crédito e ficava à sombra do cânone oficial.

Outrossim, vemos com estranhamento o cânone literário ser composto por autorias brancas do gênero masculino, onde as mulheres de qualquer pertencimento racial não tinham a menor valorização de sua presença na literatura, os homens a representavam como se elas não tivessem voz, nem subjetividade. Sobre essa questão Alexandre Miller Câmara.Sousa (2010) reflete que:

A visão do feminino como um ser frágil, intelectualmente inferior, naturalmente dotado para a procriação e o cuidado da casa, acompanhara o pensamento ocidental desde a Antiguidade, sendo essa relação de subordinação feminina x dominação masculina, a marca característica das sociedades patriarcais. Da filosofia clássica à teologia cristã e ao pensamento científico moderno, os discursos e os olhares sobre o feminino (*mutatis mutandis*), caracterizaram-se pela tentativa de justificar o *status quo* da sociedade patriarcal (SOUSA, 2010, p. 66).

A literatura brasileira ao longo do tempo e de seu processo histórico, invalidou e deixou à margem escritos femininos, como de cunho inferior e irrelevante, centrado nos interesses do patriarcado e da cultura hegemônica que definiu o lugar da mulher como dependente do sujeito homem, submissa e com funções pré-definidas dentro do lar e na maternidade, e para as mulheres negras ainda foi pior, essas foram relegadas à marginalização, a objetificação de seus corpos como “a mulata sensual”, um objeto de prazer e ao trabalho pesado e mal remunerado. Tendo em vista que a sociedade frequentemente associa o lugar social das mulheres e principalmente das “raças”, como se houvesse uma diferença de intelecto entre o ser humano branco e o negro, entre a mulher e o homem, esses estereótipos de gênero e raça ainda estão entranhados no senso comum por uma série de fatores de natureza histórica, social e política que moldou a sociedade que vimos hoje, formada pela hegemonia de homens brancos que definiram os espaços sociais. Para Florentina Souza (2015) em seu artigo *Literatura e História: saberes em diálogo*, afirma que:

"Por vários momentos da história da humanidade diversos recursos linguísticos utilizados pela literatura e até mesmo a própria literatura foram apropriados para tornar mais palatáveis imposições e dominações. Como narrativa em prosa ou em verso, o texto literário foi apresentado como útil para divulgação, propagação e sedimentação de ideias, valores e comportamentos nem sempre democráticos"

"No campo da literatura, escritores/as afrodescendentes reconhecem o vínculo de suas produções com as tradições africanas, recorrem também aos arquivos para demonstrar que a poesia, a literatura tem cor sim. Evidentemente que “cor” ganha aqui um sentido que transcende em muito a cor da pele - mesmo porque há escritores negros que ainda acreditam na existência de tema universais, despojado de subjetividade, ou digamos, de etnicidade. Autores como Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Ana Cruz, Lia Vieira, Márcio Barbosa, Luis das Silva Cuti, Oswaldo Camargo, Jônatas Conceição entre muitos outros, reconhecem, com Bahktine, que os lugares de enunciação marcam indelevelmente qualquer discurso e muito mais o discurso literário e deste modo afirmam: Minha bandeira minha pele (...)"

De fato, a literatura tem responsabilidade no *status quo* que relegou a escrita negra e feminina ao título de “uma escrita menor”, da forma que foram construídos e propagados os estereótipos literários da escrava, da mulata dada aos prazeres da carne, da donzela branca para casar, da exploração da mão de obra negra, o lugar de serviçal imposto ao negro nas histórias, e o caráter no mínimo duvidoso atribuídos a estes personagens negros.

A professora Elisalva Madruga Dantas (2014), no capítulo II do livro *Literatura Brasileira: tendências contemporâneas*, pondera sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira, observando que:

Apesar do negro, desde os primórdios da história brasileira, fazer parte da sociedade, sua presença na literatura só se dá, e assim mesmo de forma muito tímida e discriminatória, a partir do romantismo brasileiro. É também, nesse período, que a mulher negra começa a atrair a atenção de alguns poetas e passa a constituir objeto temático de suas poesias. No entanto, a maioria das imagens referentes a ela, mesmo entre aqueles poetas que pretendem cantá-la de forma exaltativa, se apresenta sempre carregada de negatividade, em decorrência do olhar preconceituoso com que esse segmento da população brasileira era visto na sociedade de então (DANTAS, 2014. p.41).

A imagem do negro é carregada de estereótipos negativos, principalmente a mulher, e diante do processo de marginalização sofrida ao longo da história brasileira, a escravidão, o preconceito, o silenciamento e a violência que resultaram nesse apagamento proposital da subjetividade e identidade negra, dessa forma, cabe-nos reconhecer a importância da escrita de mulheres negras e suas vivências, suas produções literárias, cujos personagens são construídos cheios de subjetividade, dotados de força, são corpos negros que afrontam e contam a sua ancestralidade, que almejam reconhecimento, em interações e espaços que revelam memórias e identidade.

Sobre a representação estereotipada do/da negro/a na produção literária, segundo o professor Proença (2004), precisamos discernir duas formas de escrita, àquela escrita sobre o negro e a escrita do próprio negro munido de seu olhar e de suas vivências, para tal, o pesquisador, faz a diferenciação da "visão distanciada", ou seja, o negro escrito sob o ponto de vista branco (escritos sobre o negro) e da "visão compromissada", o texto de autoria negra, o sujeito negro e sua escrita marcada de identidade. Em seu texto, "A trajetória do negro na literatura brasileira" (2004) ele reflete que:

A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo e construção da nossa sociedade. Evidenciam-se, na sua trajetória, no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada. Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161)

Essa visão distanciada sobre o negro se perpetuou pelo discurso literário e o negro aparece na literatura brasileira comumente com sua imagem construída pela perspectiva do branco, em sua maioria, reafirmando assim, estigmas raciais, sociais e culturais. Sobre essa questão Rufatto (2012) nos chama atenção para considerarmos a questão do quantitativo de obras de literatura brasileira onde podemos verificar que os personagens negros aparecem bem pouco como protagonistas em relação aos homens brancos. Os negros, em grande

maioria, aparecem como coadjuvantes ou exercendo o papel de antagonista do personagem principal nas histórias (RUFATTO, 2012, p. 20).

Neste contexto, a literatura era, de algum modo, utilizada como ferramenta de fortalecimento de uma sociedade sexista, machista, racista e patriarcal. Cabe salientar que é de suma importância pensarmos e examinarmos ao longo da história da Literatura Brasileira as narrativas que foram negadas, suprimidas e ficaram à margem da literatura dita "canônica".

Diante deste cenário, é cada vez mais importante destacar e reconhecer a contribuição de autorias negras na literatura brasileira e esse "conhecimento" que temos hoje referente a essas autorias foram fruto de muitas lutas e resistências. Tendo em vista que a produção literária foi escrita sob o ponto de vista de homens brancos, "detentores das letras", por essa razão reservaram um lugar "menor" tentando manter a ideia de "inferioridade do negro" como reflexo dos tempos de escravidão que se perpetua nas esferas da sociedade até os dias atuais.

Maria Nazareth Fonseca (2007) em seu artigo *Poesia afro-brasileira – vertentes e feições*, reflete sobre as expressões "literatura negra" e "afro-brasileira"

(...)são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. A literatura assume essas tradições como estratégias de reinvenção, como material que fomenta uma produção textual – em gêneros poéticos, narrativos e híbridos.

De acordo com Fonseca (2007, p. 98),apresenta duas grandes vertentes:

"Pode-se dizer que, grosso modo, existem, no âmbito da literatura duas grandes vertentes que se afirmam em decorrência do modo como se ligam à temática negra ou afro-brasileira. Uma vertente procura interferir na dinâmica social, mostrando-se como enfrentamento ao preconceito contra os afro-descendentes e como denúncia à exclusão em que vive grande parte deles no Brasil. Essa vertente indica uma feição literária que, direta ou indiretamente, relaciona o texto com as idéias políticas de quem o produz. Nela está registrada a intenção do produtor do texto de assumir-se negro e de saber-se pertencente “a um grupo étnico cujos membros sobreviveram à exploração escravagista”

Uma outra vertente, ainda que não deixe de referir-se ao preconceito e à exclusão sofrida pelos afro-descendentes, empenha-se por reconstituir, no espaço da literatura, as motivações próprias dos ambientes habitados pelas misturas típicas da cultura popular. Nesses textos, as vozes poéticas ou narrativas podem assumir diferentes tons e as transmutações próprias ao acolhimento que a escrita dá à palavra falada, aos ritmos do corpo e aos pequenos gestos que configuram o dia-a-dia da gente simples. Essa vertente também assume as tradições herdadas dos escravos e as traz para os textos procurando não apagar as pulsações características do universo em que continuam cultivadas ainda que alteradas pelo diálogo constante que realizam com outras expressões culturais. Nessa vertente, mais que denunciar a discriminação e as agruras vividas pelos afro-descendentes, intenta-se que as vozes silenciadas e as

expressões culturais do povo – e por isso mesmo da grande parcela da população afro-descendente – alcancem o espaço da letra, do texto literário enfim. "

Nesse contexto em seu olhar, Zilá Bernd (1988, p.22) reflete sobre a questão da escrita afro-brasileira, afirmando que :

"não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e assimilar um discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos".

Cabe destacar na literatura negra as autorias e silenciamentos impostos, já em 1859, a maranhense Maria Firmina dos Reis, mostrava um romance inaugural de autoria negra e antiescravista *Úrsula*, podendo ser considerado o primeiro romance brasileiro de autoria negra feminina, tematizando a situação do negro pela perspectiva de identidade própria, repleto de depoimentos da personagem mãe Susana, atentando para o terrível processo de escravidão dos negros, o sequestro de vidas africanas, o percurso de vinda do povo escravizado para o Brasil, o horror vivido pelos africanos no processo de colonização/escravidão.

Indo contra o sistema vigente literário da época, Maria Firmina produz literatura em uma sociedade patriarcal que não dava acesso cultural e literário às mulheres. No capítulo de abertura do livro *Úrsula*, intitulado, "Maria Firmina dos Reis, Intérprete do Brasil", da Editora Zouk , o sociólogo e pesquisador do Neamp/PUC-SP, Rafael Balseiro Zin (2018, p.7), reflete que:

O "esquecimento" de *Úrsula* pode ser compreendido no contexto da história cultural e social brasileira e de suas hierarquias. Assim, o primeiro aspecto a se considerar tem a ver com a questão da autoria, uma vez que a exclusão da mulher da esfera pública do discurso era uma norma social vigente. Em virtude de mecanismos de legitimação de uma cultura literária constituída como reduto de homens letrados, a autoria feminina foi desqualificada, e os textos subtraídos da memória cultural do país (...).

Por que chamar a atenção para o romance *Úrsula*? Porque o romance pode ser considerado o primeiro livro antiescravista que inaugura a literatura Afro-brasileira no nosso país, tematizando com grande impacto e capacidade estética, a identidade da negritude sobre a perspectiva de quem sofreu na pele os desmandos e o horror da escravidão imposta pelo colonizador. E essa literatura é desconhecida por grande parte dos brasileiros até hoje, precisamos cada vez mais tirar esse véu que foi colocado, propositalmente, e revelar às novas gerações a singularidade e a verdade da escrita negra. Para Santos (2013, p.80):

Há anos os afrodescendentes buscam seu espaço na cultura e na literatura no Brasil. Não podemos abdicar de um legado que faz parte da história deste país e que em meios às paredes das senzalas, à escuridão do porão e nos campos das fazendas nossos negros africanos nunca deixaram morrer a arte de suas raízes (SANTOS, 2013, p. 80).

Sobre essa questão, Maria Firmina dos Reis reflete que “pouco vale este romance, porque é escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados” (REIS, 2004, p. 3). Neste comentário Firmina dos Reis reproduz o discurso dominante da época, tendo em vista a invisibilidade de sua obra no contexto literário em que foi produzida. Para Cuti (2010):

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida social, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro” (CUTI, 2010, p. 44).

Essa Literatura negro-brasileira apresenta, de fato, uma singularidade evidente, que é através da escrita marcante, apresenta o ser negro de um lugar de fala próprio como autor de sua história, protagonista, e através de sua fala ser capaz de reconstituir, repensar e fazer desconstruções necessárias. Já a palavra "negro", para Guacira Lopes Louro (2017) diz que a própria palavra já traz em si a marca da resistência, segundo ela, a expressão tornou-se identitária por meio da luta social. (LOURO. 2017, p.68).

A palavra negro que foi utilizada expressando menosprezo e inferioridade por bastante tempo, tendo em vista que os ecos e vestígios da sociedade escravocrata do nosso passado não se apagaram completamente, mas é necessário afirmar também, que às custas de muita luta da população negra e do movimento negro, a palavra pode ser empregada hoje como sinônimo de orgulho e de afirmação de identidade. No entanto, é importante deixar evidenciado que a palavra negro ainda carrega resquícios de discriminação e preconceito, diante da sociedade racista em que vivemos de base ideológica branca.

Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987, p.16) reflete sobre a desumanização afirmando que " (...) a desumanização, mesmo de um fato concreto da história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.”

Os opressores utilizam-se de uma base ideológica para reprimir, menosprezar, silenciar, conforme a professora de literatura Luiza Brandino (2019) no site do Brasil Escola,

no texto *A representação do negro na literatura brasileira reflete sobre a problemática* dos preconceitos e estereótipos e levanta em seu texto o pensamento da pesquisadora Mirian Mendes que nos lembra que os estereótipos são a base ideológica da dominação do negro pelo branco. E reflete mais adiante que "o negro é objeto de uma literatura reafirmadora de estigmas raciais" descrevendo os principais estereótipos atribuídos aos personagens negros na literatura canônica brasileira, apontados pelo professor e pesquisador Domício Proença Filho (2004) em *A trajetória do Negro na Literatura Brasileira* que são: O escravo nobre, o negro vítima, o negro infantilizado, o negro animalizado, e o hipersexualizado e pervertido.

2.2. Poesia e identidade afro-brasileira

A Poesia trabalha a linguagem de uma forma diferenciada, ela tem o poder de comover, reverenciar, sensibilizar e despertar os mais variados sentimentos, também pode utilizar a metalinguagem e falar de sua própria construção, outras vezes é representativa, de um povo, uma etnia, um grupo e etc. A linguagem literária através da poesia também pode ser agente de transformação da realidade, contra discursos dominantes, também pode trazer uma reflexão séria, através da linguagem cheia de significados e enunciações.

Segundo o crítico literário Antonio Candido, a poesia é "a forma suprema de atividade criadora da palavra, devido a instituições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva" (CANDIDO, 1987, p. 14). Para Carlos Eduardo Vieira do Carmo em "A comunicação Poética", extraído do livro. *A linguagem da Poesia* (2014), organizado pelo Professor Amador Ribeiro Neto (2014, p. 29-30):

Ainda contribuindo para essa variedade de sentidos que o poema pode assumir, deve-se levar em consideração a relação estreita que há entre o texto e o contexto em que se foi produzido. Situações como momento histórico e condições de produção do poema podem interferir (e geralmente interferem) na significação da obra. Além, é claro, do próprio posicionamento crítico do leitor. A sua maneira de ver o mundo, de perceber as coisas, têm influência direta no sentido que extrai do poema.

Para o professor Carlos Eduardo, não podemos separar o texto de seu contexto e da subjetividade de quem o produziu, cada escritor tem sua maneira particular de ver o mundo e as situações de vida interferem e perpassam a obra poética. Na poesia Negra não é diferente, constatamos bem essas "interferências" que mostram modos de vida, silenciamentos, violência, que recontam histórias e mostram a identidade do/da escritor/a, do/da poeta.

Candido "em seu livro Literatura e sociedade fala a respeito da relação entre o artista e o meio e menciona, segundo ele, para não causar equívocos em um trecho de Sainte - Beuve (Este estudo é a redação de uma conferência pronunciada, em 1957, na Sociedade de Psicologia, São Paulo) o seguinte texto (p. 27):

(...) parece exprimir exatamente as relações entre o artista e o meio: "O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade".

O poeta não reflete, ou passa apenas aquilo que vê, "*ele possui seu próprio espelho, a sua Mônada individual e única*" partindo para o conceito de Mônada, pela teoria elaborada pelo filósofo Leibniz, podemos entender como uma tentativa de pensar o *indivíduo* e o conceito de *substância individual* e em sua etimologia entender como uma substância simples e complexa ao mesmo tempo. O ser poeta faz a combinação de criações para construir a realidade, as suas vivências e o que ele vê se transforma na criação do poema. No entanto, podemos pensar as mônadas como substâncias da realidade e do saber do poeta.

Conforme Konder (2005, p. 14) "a poesia tem trazido para os homens elementos sensíveis, preciosos para eles se conhecerem melhor, para um incessante descobrimento – e uma constante invenção - de si mesmos". Se pensarmos Como Ezra Pound que "a poesia é a mais condensada forma de expressão verbal". Podemos dizer que a poesia é uma maneira de pensar e conhecer as coisas, bem como as subjetividades humanas que são expressadas pelo eu lírico do poeta. Diante disso, podemos assim pensar, numa poética que revela identidade? Acredito que sim. pois a história de vida, o contexto, as formas de perceber as coisas atravessam a escrita.

E a poética negra (afro-brasileira) traz elementos importantes e identitários, utilizando em seus versos o afrontamento à manifestação lírica de libertação, de luta contra preconceitos, estereótipos, os versos trazem a figura negra com seus traços identitários, com palavras contra- discursivas de resistência e coragem.

Cândido não descarta as condições sociais, os valores e ideologias como fora do contexto da obra, pelo contrário ele afirma que esses fatores "transmudam em conteúdo e forma" na configuração da obra, Candido (2006. p. 40):

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição. Mas por motivo de clareza preferi relacionar ao artista os aspectos estruturais propriamente ditos. Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do

impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma.

Se na configuração da obra há aspectos que determinam a posição do conteúdo de forma inseparável, conforme Candido defende, podemos assim pensar em uma poética afro-brasileira perpassada pelos valores da população negra, baseada na realidade vivida pelo/a negro/a na sociedade, que pode ter sido o "impulso criador" de uma linguagem própria que carrega evidências de enfrentamento diante de ações do sistema excludente literário brasileiro.

A importância para o negro, do exercício da produção literária que representa, no limite, a busca da própria existência, que é reafirmada no ato de enunciação poética. Logo, é através do texto literário que se realiza a sua transmutação de objeto para sujeito. Na medida em que o poeta está interessado neste ressurgimento, não apenas para si próprio, mas para o grupo ao qual se sente ligado e do qual se torna o porta-voz privilegiado, a distância entre o eu (sujeito enunciador) e o tu (sujeito destinatário) se reduz, recriando a unidade de nós (BERND, 1992, p. 270)

A poética de autoria negra representa a busca de sua existência e de seu povo (coletividade) através da escrita de sua história e de muitas mulheres, que foi contada erroneamente por outras vozes, sem a percepção adequada, por esta razão, Evaristo reconstrói a existência de um povo, em versos que conclamam o levantar da voz de silenciados e marginalizados pela história oficial.

3. ECOS E REPRESENTAÇÃO FEMININA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

3.1. Conceição Evaristo - A poesia de escrivência e representação

A escritora, romancista, contista e poeta contemporânea Maria da Conceição Evaristo de Brito, é negra e de origem pobre. Sua infância e adolescência foram marcadas por infortúnios na extinta favela onde morava com a mãe e as irmãs, denominada "Pindura Saia", na capital mineira, Belo Horizonte. Evaristo nasceu em 1946, em Minas Gerais e tem uma história de vida bem parecida com a de outras mulheres negras que precisam conciliar trabalho e estudo. A nossa escritora trabalhou como faxineira e babá, e quando concluiu o ensino médio não conseguiu emprego. Sempre estudou em escola pública, fez o curso de professora primária em Minas Gerais, em 1973 mudou-se para o Rio e se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais tarde fez Mestrado e Doutorado.

Segundo o Site Literafro (2022):

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior, tendo, inclusive, sido objeto da tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em livro em 2004, que faz um estudo comparativo da autora com a americana Alice Walker. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

Com uma narrativa não-linear marcada por seguidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, *Ponciá Vicêncio* teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas. Em 2006, Conceição Evaristo traz à luz seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, pela Host Publications. Vários lançamentos são realizados, seguidos de palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas. Já sua poesia, até então restrita a antologias e à série *Cadernos Negros*, ganha maior visibilidade a partir da publicação, em 2008, do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de

denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Sobre a escolha das palavras nas suas obras, Conceição Evaristo crê que:

(...) a escolha das palavras certas está relacionada, ou parte mesmo, da subjetividade e também da experiência com a linguagem que a escritora, o escritor tem. A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições (EVARISTO, 2020, p.36).

Vemos, então, que podemos pensar que o poeta constrói o poema com palavras de seu conhecimento, de seu campo semântico, utilizando habilidades intrínsecas na escolha dessas palavras que buscam mostrar e /ou experienciar sua subjetividade. A poesia que emerge das vozes excluídas da/na literatura, se utilizam da palavra como denúncia, anseios de quem esteve à margem, e cumpre sua função social viabilizando sua existência e transpassando para os versos sua luta, a dor, a esperança e a afetividade de um povo.

A poética de Conceição Evaristo na produção literária nas diversas abordagens temáticas como a desigualdade social e racial, a mulher negra, a infância negra, o abuso sexual, a maternidade, a ancestralidade, os fatos do cotidiano da mulher negra e da população afro-brasileira, na maioria das vezes, o eixo central de sua escrita é a mulher, o eu lírico é feminino e expressa sua negritude, afirmando orgulhosamente uma identidade negra e ocupando espaços que antes lhes foram negados. Não se pode negar que a poética afro-brasileira entrelaça vivências, denúncia, identidades, afetividade e luta.

Vimos que sua carreira como escritora começou na década de 1990, publicando variados textos de diferentes gêneros literários, contos, poemas e romances. Sua primeira publicação em um livro foi nos *Cadernos Negros*¹, no ano de 1990.

Muito fala-se do termo "Escrevivência" esta palavra foi criado por Conceição Evaristo, cujo entendimento é a reescritura da própria história brasileira a partir da ótica e da voz de pessoas negras, tendo em vista que elas escrevem e pensam a partir de um lugar que é delas, da experiência de seu povo, de seus ancestrais, de pertencimento.

¹ *Cadernos Negros* é uma publicação coletiva literária e independente que veicula escritos da cultura negra, teve seu começo em 1978, é uma série anual, organizada pelo grupo paulista *Quilomboje literatura*, que tem como fundadores Luiz Silva (Cuti), Mário Jorge Lescano, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros escritores, e desde o princípio tem o objetivo de dar visibilidade, incentivar a leitura e difundir conhecimentos e informações em produções afro-brasileiras

As escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade brasileira teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205)

A escritora Conceição Evaristo traz em sua escrita o protagonismo da mulher tanto na autoria, quanto nas personagens fortes, com personagens de mulheres marcantes que protagonizam suas vidas, trazem a representação desse ser mulher que não se cala, que afronta o *status quo* e a sociedade, sua escrita é atravessada pela sua identidade negra e pela resistência.

Para Conceição Evaristo, (2009):

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO. 2009, p.19-20)

Conceição mostra-se presente na sua tessitura poética, o tempo é outro, mas também é o agora, o eu lírico constrói seu processo de criação que passa pela sua identidade, suas vivências. podemos dizer que ela de certa forma desloca-se para o texto poético, no entanto, seu texto e sua narrativa poética é marcada e perpassada pela auto-reflexão e a articulação poética desses relatos de ancestralidade, vivências, de amor, da ligação forte entre as gerações de sua família, de afetos, de silenciamento, de crueldade do sistema escravocrata, de libertação, de luta que acaba por sobressair aos olhos do leitor, diante das inferências presentes na obra.

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto- representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p.6).

A autora busca um resgate da identidade negra de sua memória ancestral através da "escrevivência" produzindo uma escrita vivenciada, refletindo não só sobre as dificuldades que o povo negro enfrentou e ainda enfrenta, como a insegurança alimentar fruto da pobreza extrema, o descaso social, a violência contra a mulher e temas do cotidiano da população negra, mas também, o amor , a família, a afeição, a ancestralidade, a sexualidade entre outros

e faz do seu discurso uma "bandeira" de luta, de denuncia da condição de não-sujeito em que a sociedade coloca os negros.

A poética de Evaristo é um retrato da condição feminina negra, o fato do "eu lírico" declarar seus infortúnios, mostrar sua cor e sua identidade, sair das fronteiras do silenciamento e da exclusão social e trazer para a poesia o discurso contra-hegemônico e ideologicamente engajado contra o racismo e o preconceito em nossa sociedade. Ela fala por muitas mulheres caladas e silenciadas, levanta sua voz contra o pequeno espaço que ao longo do tempo foi destinado a mulher negra na Literatura Brasileira e sobre a imagem e o lugar comum que era reservado a essas mulheres desde a colonização, representadas como um corpo objeto, escravizado e erotizado. Sobre a escrita de mulheres negras, Ana Rita Santiago (2012, p. 155) reflete que:

[...] é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras (SANTIAGO, 2012, p.155).

A figura feminina assume sua altivez e sua história de luta e passa a exibir a valorização de sua subjetividade, personalidade, humanidade e identidade própria com discurso contra dominante e não mais é representada de forma degradada, os poemas assumem um tom de denúncia diante da figura feminina negra que foi negativa e subjugada, ficando dessa forma marcada na memória comum. Evaristo constrói nos seus textos a luta pela emancipação de um povo, de uma raça, buscando ocupar seus espaços e quebrar as correntes visíveis e invisíveis do patriarcado e do racismo.

Em sua poética de Conceição tratam de temas diversos (amor, maternidade, desejo, violência entre tantos outros) e tem o poder de despertar em nós leitores a consciência de uma identidade negra e representativa que se afirma independente das barreiras impostas para silenciá-las, fazendo uso da linguagem estão conseguindo resistir, emancipando-se, e emocionando.

A poesia negra abre-nos um lugar de encantamento, de tomada de consciência, levando-nos a refletir sobre inúmeras questões raciais, de pertencimento, de representação que o eu lírico apresenta e vai construindo, neste contexto convém, portanto, indicar que o sentido de representação o qual, estamos tratando na poética é o do teórico Stuart Hall (2006) que traz no seu viés aspectos relacionados à *enunciação* levando em consideração a questão

da cultura e da identidade. Em *Identidade Cultural e Diáspora*, Hall (2006, p. 21) reflete sobre a questão da representação, dizendo que:

“As práticas de representação envolvem sempre as posições a partir das quais falamos ou escrevemos-as posições da *enunciação*. O que as teorias da enunciação mais recentes sugerem é que, embora falemos, por assim dizer, "em nosso nome"; de nós próprios e com base na nossa própria experiência, quem fala e o sujeito de quem se fala nunca são idênticos, nunca estão exactamente no mesmo lugar. A identidade não é tão transparente ou desproblematizada como gostamos de pensar. Por isso, em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação *a posteriori* em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma "produção"; algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação.” (HALL, 2006, p.21)

Hall (2006), levanta questões pertinentes para o entendimento do que é representação a partir do enunciado e sobre a identidade que não é um conceito muito claro "desproblematizado nem transparente", chama-nos a atenção para a importância de dialogar e investigar sobre a temática. Para ele, “o "eu" que escreve tem de ser ele próprio entendido como um "enunciado". Todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas. Tudo o que dizemos é sempre "em contexto” ”.(Hall, 2006, p.21-22). Um aspecto que nos passa despercebido e que podemos levantar a partir do que Hall trouxe de contribuição é que constantemente não nos damos conta que quando produzimos um enunciado, partimos de "um lugar", de "um tempo" e estamos inseridos num contexto social, histórico e cultural, e isso acaba por atravessar a nossa escrita.

Mais adiante, Hall (2006) dialoga sobre as novas formas de representação, que segundo ele:

"Tratar-se-á apenas de pôr a descoberto aquilo que a experiência colonial enterrou e escondeu, iluminando as continuidades escondidas que aquela suprimiu? Ou implicará uma prática bastante diferente - não a redescoberta mas a produção de identidade. Não uma identidade fundada na arqueologia mas na renarração do passado?

Não devemos jamais subestimar ou desprezar a importância do acto de redescoberta imaginativa que esta concepção de uma identidade redescoberta, essencial, implica. As "histórias ocultas" desempenharam um papel fundamental na emergência de muitos dos mais importantes movimentos sociais dos nossos tempos - nas correntes feministas, anticoloniais e anti-racistas." (Hall, 2006, p.23)

A questão das indagações propostas por Hall (2006) e sua observação sobre o sistema colonizador que "enterrou e escondeu" histórias, identidades, utilizando o poder, apresentando um discurso dominante e sujeitando os povos "descobertos" a esse "conhecimento". Para o autor não podemos subestimar as escritas identitárias, e urge a

necessidade de "redescobrir "as "histórias ocultas" as que ficaram à margem que foram silenciadas e suprimidas da história contada. Para ele: "As identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam adentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência mas um posicionamento". (Hall, 2006,p.25)

Centrado nesse "posicionamento" é que as autorias de mulheres negras buscam derrubar os estigmas que as diminuíram por séculos, com estereótipos vinculados ao corpo, a sexualidade e a dita "inferioridade" do gênero, fruto do sistema colonial e da sociedade patriarcal que se perpetua até os dias atuais.

Dessa forma , ocorre com a poética da contemporaneidade que rompe com os paradigmas do passado, há um processo consciente e crítico na construção dos enunciados, da obra, que corrobora para a tomada de consciência do eu lírico, não há mais lugar, para o olhar indiferente para essa literatura, pois há beleza estética, profundidade subjetiva, social, histórica e cultural. De acordo com Paz (1982):

(...)na literatura contemporânea encontramos vozes e silêncios que procuram quebrar essa tradição e apresentam o tema da escravidão e os sintagmas negativos por ela impostos de maneira positiva, abandonando assim a visão do negro vitimizado, buscando desta forma “libertar-se do peso da história” (PAZ, 1982, p.44).

Essas autorias vivamente movidas pela resistência, pelos contra-discursos dominantes, por esses posicionamentos emergem autorias femininas tão fortes e tão necessárias , que reconhecem-se promovendo rupturas, mostrando apagamentos e trazendo à tona o que foi "*varrido para baixo do tapete*" (escondidas).

Sobre as características no que concerne à representação feminina recorrentes na poética de Conceição Evaristo, não há o que contestar, de fato a mulher, a figura feminina é o referencial da poética de Evaristo, o eu lírico é feminino e assume sua negritude que aparece em diversos poemas, buscando recuperar a memória de sua ancestralidade e a identidade do povo negro, não deixando cair no esquecimento. Nos poemas, as figuras femininas são materializadas e marcadas por uma subjetividade viva, construída, experimentada e vivenciada, refletidas na profundidade de cada verso, na tematização social e sentimental. É uma escrita corajosa e nada superficial.

No livro *Poemas da recordação e outros movimentos* há poemas líricos que refletem e falam da construção e do retrato do Brasil e da personalidade dessa mulher que é múltipla,

revestida em coragem e fôlego para rimar suas angústias, suas memórias e de clamar com esperança para as novas gerações levarem adiante o seu legado.

Conforme Gonçalves (2009, p.53) a obra *Poemas de recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo :

"Sua obra examina temas complexos, tais como a vida nas favelas, o preconceito e a exclusão social. Mas, ela também fala de amor, de esperança, da família. Sua perspectiva feminina mostra sua constante busca, suas estratégias diversas de luta contra o preconceito, a opressão e a injustiça social. Através de seu trabalho e dos diferentes temas que aborda, dá um passo à frente na luta contra a exclusão política e social. É através de seu trabalho e dos diferentes temas que aborda que re-constrói e (re)negocia suas diferentes identidades: mulher, preta, pobre. A escrita representa, assim, um ato de resistência."

A autora capta anseios de muitas mulheres negras, ela rememora um passado para que não caia no esquecimento, na sua escrita é flagrante a expressividade da dor sofrida e da denúncia, a poesia é desmistificadora. Podemos dizer que há um ímpeto de justiça social que atravessa sua obra transparecendo o mundo tal como é: um mundo injusto, onde sempre imperou a lei do branco, que desmereceu e brutalizou as pessoas negras.

3.2. A representação feminina em *Poemas da recordação e outros movimentos*

*Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela
minha condição de mulher negra na sociedade brasileira.*

(Conceição Evaristo, 2017)

Em *Poemas da recordação e outros movimentos* buscamos analisar como as mulheres negras são colocadas e ou construídas nos dois poemas que analisaremos, como o "eu lírico" revela a identidade negra e a escrevivência em seus versos. Acreditamos que essa discussão que vai além da estética, que revela espaços de representação e disseminação de significados.

A obra traz uma sequência de textos que fazem um resgate da história negra brasileira, Conceição tece a poesia a partir de sua experiência de mulher negra no nosso país, marcada por uma subjetividade ímpar, complexa e de resistência. O livro é um levantar de voz daquelas e daqueles que ao longo da história foram silenciados e silenciados.

O livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021) traz sessenta e cinco poemas abordando temas variados e pertinentes, divididos em seis blocos e no início de cada bloco de poemas a autora coloca um texto que levanta memórias e traz o eu lírico aflorado,

preparando o leitor para os poemas que virão a seguir. Os temas dos poemas trabalhados pela autora são a memória, a família, a dor, o amor, a potência da mulher negra, o social, a religiosidade, a infância negra, a ancestralidade, a violência, entre tantos outros. A obra evidenciam também a crítica social, a experiência do que foi vivenciado, também há a questão dos poemas que apresentam intertextualidade e a inversão proporcional na construção dos temas como por exemplo: "Carolina, na Hora da Estrela" (Faz o trocadilho com Carolina e a obra de Clarice), "Clarice no Quarto de despejo" (faz a troca colocando Clarice com a obra de Carolina) em "No meio do caminho" (faz referência ao poema de Drummond).

A capa do livro é bem representativa, uma lavadeira trabalhando em uma praia e o contraste da lavadeira em preto e branco com a terra e ao lado o mar de cor azul, podemos entender como a vida de trabalho de sol a sol pertence a lavadeira negra e ao fundo o mar e as pequenas ondas como se trouxesse lembranças, pois o mar está em movimento. Também remete-nos ao caminho por mar da vinda dos navios negreiros.

Para Evaristo, em seu ensaio "Literatura Negra - uma poética de nossa afro-brasilidade" (1996):

Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. Convém ainda ressaltar que, mesmo da parte daqueles que reconhecem a existência de uma literatura afro-brasileira ou negra, há divergências de entendimento quando se coloca a questão do sujeito autoral e a sua "insinuação", a sua "infiltração", o seu "intrometimento" enquanto voz que se enuncia no texto.

Na Literatura Afro-brasileira, o sujeito autoral reivindica para si a responsabilidade pela coletividade, mas também respeitando sua identidade individual, é o sujeito agente do processo enunciativo e tem um modo próprio de construir o texto literário, a poesia, o conto e o romance. Tendo em vista que esse sujeito descarta as velhas práticas de falar do negro, e coloca o negro de fato para se auto representar e falar de suas vivências. Levando em consideração que a poesia tem uma forma diferenciada da linguagem, ela traz à tona a identidade do/da poeta, a voz feminina negra com consciência de sua ancestralidade, por meio da metaforização de si, e a construção poética é perpassada por força de resistência e denúncia.

Conceição faz uso de variados recursos na construção de sua poética, o seu estilo é bem definido a escritora assume sua função social de falar por aqueles que não podem, nada no livro está para enfeite, encontramos raízes, memórias, beleza estética e a profundidade que adentramos em cada página.

3.3. Outros movimentos do feminino negro nos poemas “Vozes-Mulheres” e “Meia Lágrima”

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2021, p.24)

O poema foi escrito como forma de resistência negra, o eu lírico feminino levanta-se contra a escravidão e a injustiça sofrida pelas mulheres negras de geração em geração,

preservando a memória coletiva de sofrimento e luta, de cinco gerações representadas pela bisavó, avó, mãe, "a minha voz" e a voz da filha. O eu lírico vai construindo em ordem cronológica a descendência e ascendência das mulheres, há a consciência do que as gerações passaram, é uma espécie de construção histórica marcada pela dor e pela cor de pele. É perceptível a dicotomia entre memória e história. Através da construção das vozes do eu lírico vai-se adentrando na relação de poder do sistema escravocrata, racista e patriarcal.

Na tentativa de entender a poesia, podemos nos valer da paráfrase como aliada na tentativa de melhor compreender a criação da poeta. O título "Vozes-Mulheres" já sugere elementos para se pensar na coletividade, no plural em várias mulheres e em várias vozes de trajetórias femininas representadas nas passagens do tempo histórico de escravidão, dor, racismo, violência e identidade. Para Mendes (2009, p.117) "Vozes-mulheres, o plural a representar a coletividade, o eu lírico a percorrer as veredas da memória com a consciência de que esse fazer não é solitário(..)"

Focalizando nossa atenção ao título "Vozes-mulheres", a questão do hífen posicionado entre vozes e mulheres, como um elo de ligação entre os dois termos, o sinal gráfico tem como função unir os elementos geralmente que formam uma palavra composta, em uma simples dedução ao sinal utilizado no poema podemos aferir o sentido de unir várias vozes de mulheres na tessitura poética.

Na primeira estrofe, o eu-lírico apresenta a imagem do navio negreiro e o lamento dos antepassados, representados por uma criança (a bisavó) que teve a infância perdida, roubada, sequestrada pelo "colonizador", o sofrimento é evidente no verso "ecooou lamentos de uma infância perdida" (EVARISTO, 2021, p.24). Na primeira estrofe, podemos ver a imagem do navio negreiro, uma criança com seus lamentos, sofrendo por ter sido tirada de seu país, de sua família, tratada como objeto, uma mercadoria, perdeu sua inocência, tendo a sua infância sequestrada pelo horror da escravidão. "O poema é um tempo arquetípico: e por sê-lo, é tempo que se encarna na experiência concreta de um povo, um grupo ou uma seita" (PAZ, 1972, p. 54). O poema de certa forma nos direciona a pensar nos navios negreiros, cheios de vidas negras aglomeradas em porões, sob condições desumanas.

Na segunda estrofe, a próxima geração, já é a avó que deve obediência aos brancos "donos de tudo", a exploração da mão de obra escrava e a relação de poder dos homens brancos fica explícita. A terceira estrofe trata de uma nova geração, a mãe que mesmo após a abolição da escravatura, carrega a herança do país escravocrata e racista, no qual a voz precisa ecoar baixinho sua revolta, dentro das cozinhas dos brancos que são detentores do poder, e as mulheres negras trabalham "debaixo das trouxas de roupas sujas dos brancos", pois

precisam prestar serviço para pessoas brancas em suas mansões, casarões e no final do dia pega o caminho "empoeirado" para suas casas na favela.

A voz da mãe revela uma memória social e também uma denúncia social, quando após trabalhar nas cozinhas alheias, a mãe volta para a favela, representando as pessoas negras escravizadas que foram supostamente alforriados, mas continuaram servindo os brancos, antes eles voltavam para as senzalas e agora retornam às favelas. Podemos pensar na crítica social de que a sociedade ainda vê os negros como seres inferiores, cujos lugares não podem passar do servir. No nosso país a população negra é subrepresentada, os/as negros/as enfrentas inúmeros entraves para a sua inserção e também promoção, pois o racismo estrutural ainda impera e mantém essa hierarquia racista no mercado de trabalho.

Chamo atenção para os termos "roupagens sujas dos brancos" e " empoeirados". O primeiro pode se referir a quantidade de roupas sujas, mas também num sentido figurado pode assumir o aspecto discordante da realidade; aparência, exterioridade, como uma roupagem para impressionar. O segundo significa, em sentido literal, que o caminho estava coberto de poeira, mas num outro sentido, a voz da minha mãe pode ecoar também por esse caminho empoeirado de velhas formas de olhar o negro, de velhos preconceitos, de dificuldades e entraves na vida dessa mulher negra e esta precisa tirar a poeira desse caminho e, se libertar.

Na quarta estrofe é a voz do "eu lírico" no presente, na primeira pessoa sentindo a perplexidade da realidade dura da vida para os negros, de violência contra os negros expressos pelas "rimas de sangue", as rimas foram feitas pela experiência da dor própria, do sofrer, é metalinguístico falar do ato de confeccionar o poema no caso "com sangue", ou seja, construir o poema a partir de sua dor, do sofrimento do seu povo e da fome.

Na quinta estrofe também pula uma geração, porém traz a esperança no futuro, na nova geração, é a voz "da minha filha" que, segundo o eu-lírico, recolhe todas as vozes anteriores, os silenciamentos impostos e engasgados por séculos de racismo, menosprezo, subordinação e "recolhe em si", toma posse de sua identidade, reflete o contexto histórico e social que foi alicerçado pela dominação branca até os dias atuais.

Na sexta e última estrofe essa voz não só recolhe em si a vivência e sofrimento de seus ancestrais, mas ergue a voz e age, podemos ver em "a fala e o ato/ ontem- hoje- o agora/ Na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/O eco da vida-liberdade". Essa voz insubmissa se ergue contra um passado de escravidão e dor, para um presente de racismo e preconceito, e o agora é tempo de mudar, de não aceitar estereótipos, é hora da nova geração não se calar. O eu-lírico fala de "ressonância" para que essa voz ressoe com amplitudes cada vez maiores, por todos os lugares, desconstruindo preconceitos, lutando pela vida e liberdade do povo negro.

Ao final do poema, a voz da filha se constrói livre de amarras, de noções estereotipadas, é ativa e ativa, e através dela podemos ouvir todas as vozes anteriores: o passado, o presente e um futuro de esperança se anuncia para as novas gerações.

Percebe-se que o pronome possessivo "minha" é utilizado em todas as estrofes para expressar a relação de posse de identidade, de pertencimento histórico. São marcas textuais que inferem sentidos de tomar para si, a história que lhe pertence, rompendo simbolicamente com a escrita estereotipada sobre os negros que perpetuou ao longo da história canônica brasileira.

Segundo Eduardo de Assis Duarte (2007), o poema Vozes-Mulheres é considerado um manifesto-síntese, de Conceição Evaristo.

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão (DUARTE, 2007, p. 25).

Seria uma espécie de declaração trazida a público por Conceição Evaristo para denunciar a escravidão e de levantar a voz da nova geração, para desmistificação do preconceito e do estereótipo e, ao mesmo tempo, não deixar todo o sofrimento vivido pelo povo negro, toda as suas lutas e resistência serem esquecidas.

O poema, ao mesmo tempo em que ressalta e narra a história de várias mulheres negras que foram arrancadas de suas raízes, de sua terra, desumanizadas, tratadas como mercadorias e objetificadas, também mostra o ser feminino e sua tomada de consciência e denúncia do sistema opressor e os pilares que sustentam essas relações ao longo do tempo. O eu lírico constrói um percurso de memória e consciência, trazendo elementos que vão construindo a história de horror e violência da escravidão das mulheres negras, do racismo, do silenciamento dessas vidas historicamente caladas, negligenciadas até os dias atuais. Há, portanto, uma trajetória que vai da mulher-menina cativa, presa no navio negreiro, até a mulher que reafirma sua identidade, que luta por todas as outras mulheres e pela afirmação de sua existência.

Partimos agora para a análise do poema “Meia lágrima” (EVARISTO, 2021, p.82):

Meia lágrima

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,

tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.
Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.

Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.

O título do poema "Meia Lágrima" nos remete a pensar numa dor de incompletude ou pela escassez de quem tanto chorou e nem sequer tem mais uma lágrima inteira, a posição das mãos em côncavo, como se estivesse à espera de algo, como as mãos de um pedinte e a constatação de que uma meia lágrima basta por si só para mostrar a dor como um todo.

Na segunda estrofe, a imagem das lágrimas em olhos que secaram pelo dissabor da vida, e um meio tom de soluço que reflete o pranto inteiro, são prantos abafados, dores caladas no meio tom, quase inaudível.

Na terceira estrofe, o sentido da visão utilizado pela metade, com um olho só, enquanto o outro é limitado por um cisco, o cisco pode-lhe atribuir um sentido conotativo, como um entrave, um obstáculo à visão que atrapalha e o que o eu lírico consegue enxergar o todo, em "vazo o invisível" pode-se entender o "vazo" no sentido do verbo vazar, extrapolar, escorrer lágrimas de sofrimento, tem relação aos sentimentos e tendo em vista que o termo é acompanhado pelo "invisível", podemos pensar no sofrimento do povo negro invisibilizado, os sentimentos emergem e extrapolam o sentido da visão, "vejo as inesquecíveis sombras dos que já se foram", há neste verso a memória de personalidades negras que lutaram e já morreram, o cisco no final da estrofe pode vir a representar aquele mal estar e dor relativo à memória histórica de sofrimento dos antepassados.

Na quarta e última estrofe, a representação do silenciamento de um povo, "Da língua cortada" o eu lírico que levanta a voz enunciativa não aceitando mais ficar calado, em "digo

tudo, amasso o silêncio" a expressão no sentido de contar toda a verdade silenciada e revela sua força, rompendo com o *status quo*, "no farfalhar do meio som/ solto o grito do grito do grito /e encontro a fala anterior" e em "Aquele que, emudecida,/ conservou a voz e os sentidos/ nos labirintos da lembrança.", o sentido de resgate das vozes anteriores que foram caladas e desprestigiadas, que ficaram à margem e os sentidos por poucos conhecidos desse "labirinto" de memórias. O termo labirinto representa um conjunto de percursos criados com a intenção de achar o caminho certo para saída, também são percursos intrincados que muitas vezes desorienta quem os percorre.

Em "A memória em *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo" por Amanda Crispim Ferreira (Literafro, 2021) reflete que:

É interessante notar que a última estrofe do poema "Meia Lágrima" dialoga com o poema "Vozes-Mulheres". Retomando a questão da tradição oral "solto o grito do grito do grito", podemos imaginar que é o grito da bisavó, da avó, e da mãe, mulheres que foram impedidas de se expressar. Esse grito é o "farfalhar do meio som" que "afirma o grito inteiro de liberdade".

Os dois poemas "Vozes-Mulheres" e "Meia Lágrima" rememoram e perpassam pelo passado, presente e futuro, ambos relatam a dor e o sofrimento da escravidão, ambos denunciam e se levantam contra o sistema, lembram que precisamos olhar o passado em sua completude pelo discurso daquelas e daqueles que ficaram propositalmente fora da história contada.

Sobre os ecos na poética de Conceição Evaristo, partimos do conhecimento popular a respeito do termo "eco" de forma simples seria o som pronunciado que retorna aos nossos ouvidos, ou seja, ouvimos outras vezes o que foi dito (reverbera), a razão desse efeito dos sons que são produzidos em alguns lugares, está segundo o campo de conhecimento da física na reflexão sonora, e essa dá a ideia de como o som vai se comportar diante de algum obstáculo, levando em consideração a posição em que ele foi pronunciado.

Conforme Frederico Borges Almeida, no site Brasil Escola (2022) a respeito do "Eco", o indivíduo emite o som direcionado ao obstáculo (emissão do som direto), o som é refletido no obstáculo e retorna para o emissor, quando ele recebe o som este permanece por em média 0,1 segundos, este tempo é chamado de persistência acústica, após o som ser ouvido vai parecer um prolongamento do primeiro som emitido, esse efeito recebe o nome de reverberação. Esse reverberar de persistência acústica instintivamente será ouvida como um eco.

Para o estudo, buscamos assimilar o termo "eco" tanto no sentido de reconhecer o discurso que foi perpetuado na literatura brasileira (ecos da sociedade escravocrata), reverberado ao longo do tempo, o mesmo da época colonial segregador, racista, sexista e misógino, e que ainda está presente ecoando na sociedade atual e que permitiu como forma de poder a invisibilidade das autorias negras e principalmente femininas. Quanto o termo "eco", no sentido de literatura libertária, buscando olhar para a promessa de futuro assumida pelo eu lírico na poesia de Evaristo, nas vozes que revelam, que afirmam sua identidade negra e contam sua história, apresentando e desmistificando o preconceito de gênero e raça, para que essa identidade do ser mulher negra ecoe e se multiplique, para que se reconheça de fato e de direito na literatura comprometida com a verdade vivenciada, na beleza e na força dessa escrita.

Os ecos representados no primeiro poema "Vozes-mulheres", a partir das vozes que são construídas, o primeiro eco (a voz da bisavó) que reverbera sofrimento, lamentos, a desilusão da criança que tem sua infância perdida, ressoa memórias dos ancestrais, refletindo sobre o momento pós captura dos africanos, o transporte desumano nos navios, e estrofe por estrofe vai se construindo vozes que ecoam seguidas a memória dos descendentes africanos, até a voz da "minha filha " neste momento há a posse da voz e da identidade histórica, essa voz que junta todas as anteriores e enxerga, de fato, sua capacidade de agir e se levantar contra o sistema opressor, podemos ver os ecos dos silêncios impostos pelo colonizador e pelo racismo estrutural evidenciados de forma clara nos versos "as vozes mudas caladas/engasgadas nas gargantas", essas vozes que por muito tempo foram caladas e ficaram entaladas, podem ser ditas, defendidas, reescritas, portanto abre-se a possibilidades futuras. Ao final do poema, o eu lírico toma posse de seu passado, presente e no momento atual (o agora) faz a promessa: "Na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/O eco da vida-liberdade." E o eco da luta do povo se fará ouvir, e o eco que vai reverberar será o da liberdade das vidas que foram desumanizadas, escravizadas, proibidas de exercer o direito de viver, de tomar suas decisões.

No segundo poema "*Meia Lágrima*", na representação do choro ressequido pela meia lágrima e as mãos em côncavo, ecoa o sofrimento a longo prazo, onde só resta meia lágrima para derramar, mas, o sofrimento inteiro está lá. A representação do eco de limitação imposta através do cisco como um dos obstáculos de limitação da visão daquela que sofre, o meio tom de solução apresenta a limitação a tentativa de diminuir a voz. Apresenta ecos dos/das antepassados/as que são inesquecíveis, reverencia a sua ancestralidade e preserva a memória dos/das que não estão mais aqui.

Em "A língua cortada/digo tudo" representa um eco de vida-liberdade que apesar da tentativa de silenciamento do indivíduo e do próprio sistema literário (corte da língua), o eu-lírico descarta o silenciamento, "Amasso o silêncio" e "no farfalhar do meio som /solto o grito do grito do grito" e naquele lugar onde tentam lhe colocar e diminuir seu discurso, "de meio som" ela grita por todas as gerações, pelo passado histórico de apagamento e silenciamento expresso em "e encontro a fala anterior,/ aquela que emudecida/ conservou a voz e os sentidos/ nos labirintos da lembrança", o grito que estava preso ficou conservado nos caminhos da lembrança, mas ela também fala (grita) pelo presente e pelo futuro de visibilidade, esperança e reconstrução histórica.

O eu lírico feminino rebela-se e grita, e levanta sua voz para que ecoe para todas as direções, ele fala por todas as mulheres, não é apenas a sua libertação, mas a libertação de todas as gerações do sofrimento imposto e do apagamento de suas histórias e subjetividades.

Analisando a poética de Conceição Evaristo, a partir dos dois poemas, "Vozes Mulheres e Meia lágrima", podemos dizer que nada na escrita da autora é colocado sem intenção, o eu lírico articula com os lugares de memória, de ancestralidade, onde o passado é construído como afirmação de força, de resistência e de pertencimento.

A pesquisadora Ana Rita Santiago (2012, p. 155) aponta que a escrita feminina busca fazer o movimento reverso, diante da invisibilidade relegada a essas autorias e aponta que:

Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des) silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas (SANTIAGO, 2012, p.155).

No campo da Filosofia, um dos grandes filósofos que revolucionou o século XX, foi o francês Michel Foucault que fala de um novo olhar sobre o discurso, analisando e atentando-se para as formas de subjetivação e de poder expressos por uma série de enunciados significativos que conforme o filósofo revelaria a maneira de pensar e agir do indivíduo. Segundo ele, "[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos". (FOUCAULT, 1971, p. 02).

Para de fato "assenhorear-se desse poder", Evaristo apropria-se de sua luta por visibilidade e das lutas do povo negro por respeito, reconhecimento e tratamento digno, do discurso antirracista, de sua voz autoral cheia de representatividade de sua ancestralidade, levantando-se e opondo-se aos discursos carregados de discriminação, de estereotipação, de

estigmatização de seu povo, sobrepondo-se e mostrando sua identidade de mulher negra, compreendida e construída no seu lugar de fala, contando a história através de outra perspectiva, mais sensível e singular.

A escrita feminina negra reflete com sua ótica comprometida, contextualizada, vivenciada e transformadora, preocupando-se em dar visibilidade a quem ficou aquém da história literária contada, ela está interessada em aspectos étnicos raciais, culturais, sociais e políticos, como também, no processo de construção de identidade, caracterizada pela autonomia do ser autora mulher negra e pela sua consciência. Hall (2003) reflete sobre a questão da identidade e instrui-nos a pensar na questão da identidade como um processo em formação dentro da representação social.

A questão da identidade do povo negro e do "ser mulher negra no nosso país", é minorizada, e precisa ser inserida no campo literário cada vez mais e essa discussão da temática está no cerne da questão do racismo estrutural e presente na construção da nossa sociedade, visibilizar essa luta e esse discurso é uma condição chave para o tratamento e entendimento da própria identidade nacional.

4. Considerações Finais

Consideradas as limitações do recorte deste trabalho, vimos que os poemas analisados “Vozes-Mulheres” e “Meia Lágrima” denunciam esteticamente o silenciamento, a violência e a auto representação da mulher negra, temáticas representadas com maestria por Conceição Evaristo, no seu livro *Poemas da recordação e outros movimentos*. Na obra estudada, a autora articula a identidade, a memória, a voz feminina em forma de denúncia do sistema opressor literário que relegou o não pertencimento às vidas negras. De fato, há uma lógica estigmatizante e preconceituosa naturalizada na nossa sociedade que busca a todo tempo diminuir as pessoas negras, e precisamos discutir, referenciar e visibilizar essas escritas de identidade e representação, para buscar desmistificar o preconceito racial e contribuir para o conhecimento da história contada pelos sujeitos-agentes dela, precisamos de ações educativas que dêem visibilidade cada vez mais a Literatura Afro-brasileira, precisamos com urgência falar em diversidade racial, em respeito cultural e social.

Como vimos, o estudo abordou a condição feminina negra, o apagamento e a marginalização da mulher e do corpo feminino negro, levantando questões de representação, identidade, pertencimento e autoria.. Ao analisarmos a poética de Evaristo (2021) verificamos os "Ecos" de memória, de pertencimento, de identidade que afloram dos versos e como essas mulheres são representadas. Tendo em vista que Conceição reescreve a sua história e a história povo negro de um lugar de fala identitário. Constatamos que as mulheres são colocadas/construídas dotadas de força, de liberdade, de posicionamento e o “eu lírico” revela não só a violência sofrida por esses corpos, que foi perpetuada no discurso eurocêntrico ao longo do tempo, mas no sentido de falar de subjetividades, enfrentamento, identidade construída, posicionamento e pudemos verificamos que o discurso que prevalece não se propõe a manutenção do preconceito, mas sim, a desmistificação.

As ruínas das construções históricas literárias do passado, estão caindo por terra, e em cima desse cemitério de preconceito, desumanidade, apagamento e estigma está se construindo uma história de afirmação de seres humanos fortes, libertos do cativeiro no qual foram enclausurados por tanto tempo e se reconhecem como brasileiros, autores de subjetividade forte, viva e libertária, pertencentes e agentes da história do nosso país. Precisamos dar espaço e visibilidade aos escritos silenciados e partir da tomada de consciência dessa realidade, nós como, futuras/os professoras/os, não podemos naturalizar estigmas e preconceitos introjetados, e apresentar a perspectiva histórica de quem

efetivamente contribuiu para a construção da nossa nação, precisamos dar visibilidade e reafirmar com orgulho a nossa herança africana, precisamos de fato privilegiar e discutir autorias negras, colocar em pauta a diversidade étnica e cultural existente no nosso país e conscientizar nossos futuros alunos a respeito da beleza, da subjetividade e importância que essa escrita representa para a identidade do Brasil.

Espero que esta pesquisa tenha contribuído para ajudar a disseminar as autorias negras brasileiras, especialmente de mulheres. Queremos ouvir sempre as vozes ecoadas nessa literatura que reafirma o poder da negritude, que ergue sua voz contra a discriminação e o silenciamento. Queremos reverenciar as autoras e autores dessa literatura que emerge beleza, potência, orgulho, força, transgressão e memória ancestral.

Este trabalho é de suma importância na minha trajetória pessoal e profissional, a partir do momento em que tive a oportunidade de conhecer a literatura Afro brasileira, vi que ali seria um divisor de águas na minha vida. Tendo em vista que a todo momento no noticiário, no meio eletrônico visualizamos o desrespeito à diversidade, o racismo, o preconceito e a violência imposta aos afro brasileiros, e ultimamente vivemos numa "teia de ódio" no nosso país, e não é exceção do Brasil, no mundo também, aqui e ali vemos as atrocidades e os reflexos do racismo entranhado na sociedade.

Como futuros professores precisamos ter clareza e ser agentes desmistificadores do preconceito, há uma urgência na minha concepção de desconstruir e desmistificar preconceitos, tomei para mim a responsabilidade de tentar fazer um pouco, apenas "uma gota" diante do "oceano" que precisa ser feito, trazendo reflexões sobre esses textos que propõem novos olhares, sob diferentes perspectivas, já passou da hora de encarar o fato de que todos têm o direito e precisam ter acesso a literatura e buscar indagar as ideias que se consagraram ao longo do tempo como verdades absolutas. Com isso, percebi que é preciso enxergar a necessidade de levar para o conhecimento de todos esses textos colocados no "cantinho recluso da história", que foram deixados à margem e perceber que o lugar deles é no conhecimento popular, nos debates, no ensino de literatura nas escolas, conforme a BNCC já orienta.

Eu cresci, amadureci meu senso crítico e analítico, apaixonei-me por esse processo de descobertas que foi sendo construído, edificado e transformado ao longo do período de estudo na academia, na pesquisa e confecção deste TCC e hoje sei, que minha futura docência levantará várias bandeiras, e uma delas será a antirracista, também sei que muita coisa poderia ser acrescentada a esse trabalho, mas deixarei para possibilidades futuras.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Frederico Borges de. "Eco"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/fisica/eco.htm>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

Axé Ogum. In: Quilombhoje (Org.). Reflexões sobre a literatura afro-brasileira. São Paulo: Quilombhoje/Conselho de Desenvolvimento e participação da Comunidade negra, 1985. (ensaios).

BARTHES, Roland. Aula. Trad: Leila Perrone-Moisés. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____, Crítica e Verdade. Trad: Leila Perrone-Moisés. 3 ed. São Paulo: perspectiva, 2009.

BERND, Zilá. Literatura Negra. In: JOBIM, José Luis (org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267 – 275.

BISPO, E. F. ; LOPES, S. A. T. . Escrivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. REVISTA LÍNGUA & LITERATURA (ONLINE) , v. 35, p. 186-201, 2018.

BRANDINO, Luiza. "O negro na literatura brasileira"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/a-representacao-negro-na-literatura-brasileira.htm>. Acesso em 02 de novembro de 2022.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos: *O direito à literatura*. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG.

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHKLÓVSK, V. " *A arte como procedimento* ". _____ et alii. Teoria da Literatura: Formalistas Russos. Trad. Ana Maria Ribeiro Filipouski et alii, Porto Alegre: Globo, 1973,p.39-56.

CUTI (Luís Silva). Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo Assis. Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. V. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE. Eduardo de Assis. Literatura Afro-brasileira, um conceito em construção. AFOLABI, N. BARBOSA, M. , RIBEIRO, E. (Org.) *A mente afro-brasileira*. Trenton - EUA / Asmara - Eritreia: África World Press, 2007.

DUARTE. Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. Disponível em: <www.letas.ufmg.br/literafro>. Acesso em 20/09/2022.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.p. 201-212

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p

16-21. Disponível em:
 <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafiadesenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2022.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: uma poética da nossa afrobrasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31. 2009.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação, Mestrado em Literatura Brasileira - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro. Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021. p. 24-25, 82.

GONÇALVES, A. B. R. . Processos de re-definição na poesia de Conceição Evaristo. *Scripta* (PUCMG) , v. 25, p. 51-61, 2009.

HALL. Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. *Comunicação & Cultura*, n. • 1, 2006, pp. 21-35.

Fanon, F. (2011). *Racismo e cultura*. In F. Fanon, *Em defesa da revolução africana*. *Présence Africaine*. (Obra original publicada em 1956)

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RUFFATO, Luiz. (org.) *Questão de Pele*. 2012. Disponível em:
<http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

IANNI, Octavio. *Literatura e consciência*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, n. 28, p. 91-99, 1988.

MENDES, A. C. D. . Eco e memória: "Vozes-Mulheres", de Conceição Evaristo. *Terra Roxa e Outras Terras* , v. 17, p. 113-122, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

LITERAFRO. O portal da literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 29 de novembro de 2022.

Literatura Brasileira: tendências contemporâneas. 2 ed. / Ana Cláudia Félix Gualberto, Elisalva Madruga Dantas, organizadoras - João Pessoa. Editora da UFPB 2014, p.40 -59.

Literatura negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade. Rio de Janeiro: Puc/RJ, 1996. (dissertação de mestrado).

LOURO, Guacira Lopes. *Flor de açafrão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972.

PROENÇA. Filho, Domício. A trajetória do negro na literatura Brasileira In: Revista Estudos Avançados. Vol. 1.18, n. 50. São Paulo: Jan/abril.2004. p.161 – 193.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A Escrava**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. Disponível em : <https://mafua.ufsc.br/2017/representacao-da-mulher-escravizada-na-literatura-brasileira-uma-leitura-comparativa-entre-ursula-e-escrava-isaura/> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**; Porto Alegre, RS. Ed.Zouk; 2018.

"Reflexão do som" em *Só Física*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2022. Consultado em 19/11/2022 às 20:04. Disponível na Internet em: <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Ondulatoria/Acustica/reflexao.php> Acesso em 18 de novembro de 2022.

RIBEIRO NETO, Amador. A linguagem da poesia. 2. ed. João Pessoa-PB: Editora UFPB, 2014. v. 1000. 128p .

SANTOS. Margareth Maura. A Cultura e a Literatura Afro-Brasileira em sala de aula. Revista Magistro. 2013.

SANTOS, E.H. Mulheres Negras Intelectuais. 2015. 52 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira -PB, 2015.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. V. 2, n. 1. Vitória da Conquista: Fólio – Revista de letras, 2010.

SILVA, Marcelo José da.(Re)conhecer-se. O brado da literatura afro-brasileira contemporânea. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. Maringá, 2007, p. 633-640.

SILVA, Domiciano Correa Marques da. "Eco e reverberação"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/eco-reverberacao.htm>. Acesso em 19 de novembro de 2022.

SOUSA, Alexandre Miller Câmara. Da igreja aos bailes: os intelectuais positivistas e a imagem feminina em São Luís na segunda metade do século XIX. In: ABRANTES, Elizabeth de Sousa. **Fazendo gênero no Maranhão**. São Luís: Editora da UEMA, 2010.

SOUZA, Heleine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SOUZA, F. S. . Literatura e História: saberes em diálogo. CADERNOS IMBONDEIRO , v. 4, p. 15-28, 2015.

TODOROV, Tzvetan. "A herança mercadológica do Formalismo". In: _____. As estruturas narrativas. Trad. Leyla Perrone- Moises. \$ Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.